

FAZENDO GÊNERO

ANO I Nº 01 MAR-JUN/97

Dez anos querendo fazer diferente



Mulheres do Transas: Kemle, Gelva, Eliane, Rurany e Lenise

Aprendemos, um dia, com outras mulheres feministas que era preciso ousar, acreditar e realizar a experiência de um "fazer diferente". O que isso queria dizer exatamente, há dez anos, nós ainda não sabíamos. Havia, contudo, um sentimento que nos movia, uma vontade de fazer, porque queríamos e acreditávamos que era possível. Mas o que era possível? Formar um grupo, trabalhar, militar (que palavra mais *demodê* para os nossos dias), sem os vícios das estruturas burocratizadas que conhecíamos. Tecer pequenas (ou grandes) e duradouras revoluções no modo de ver, pensar, sentir e agir de um certo número de pessoas sensíveis.

Assim sendo, quatro audaciosas mulheres se juntaram para dar corpo e substância a uma idéia inovadora: criar o Grupo Transas do Corpo que, é claro, não veio ao mundo já batizado. Seu nome foi fruto de prolongadas e deliciosas conversas. Isso foi em março de 1987. Nascido, a ele se juntariam outras mulheres. Hoje, o Transas é uma ONG madura, responsável por variadas e interessantes atividades - conhecidas em alguns meios e aqui apresentadas para um público maior.

O fazer diferente que o feminismo nos ensinou e que tentamos pôr em prática cotidianamente - não sem dificuldade - pode ser compreendido como o trabalho no qual as relações não estão definidas por hierarquias de conhecimento, poder ou outro *status* qualquer. Partimos do princípio de que talentos individuais somados produzem boas coisas. Não criamos, para nós ou para os outros, a ilusão de uma associação harmoniosa e livre de conflitos. Trabalhamos com vigor e achamos que o prazer nas relações é fundamental. Procuramos, juntas, superar medos e tensões, porque sentimos que precisamos umas das outras. Esta perspectiva orienta igualmente nossos projetos, sejam eles cursos, seminários, pesquisas, reuniões.

Lidamos com temáticas que fascinam e produzem reações. Nenhum ser humano é diferente à sexualidade. Por esta razão, nem sempre podemos ser vistas como uma unanimidade, mas já temos a certeza de não estarmos sós. Assumimos nossas posições em defesa da liberdade, da auto-determinação, da solidariedade. Sonhamos e lutamos por um mundo não sexista, não racista, não violento. Desejamos que mulheres e

homens sejam verdadeiramente respeitados, independentemente de sexo, cor, classe, idade, condição física, preferência amorosa ou qualquer outra singularidade.

Celebramos dez anos de saborosa convivência e achamos que há motivos para comemorar. Os fios tecidos ao longo desta trajetória formam tramas cada vez mais difíceis de destruir. Os sonhos e utopias que nos alimentam provavelmente servirão para inaugurar um tempo novo na história da humanidade.

Mulheres fizeram, neste século, uma revolução. ou alguém ainda duvida?

Eliane Gonçalves

“Transas do corpo: referências de nossos sonhos, proposições e ações afirmativas em Goiás.”

Albinéir Plaza Pinto,
ginecologista, integrante do
Oficina Mulher

“É um grupo desbravador de novos caminhos.”

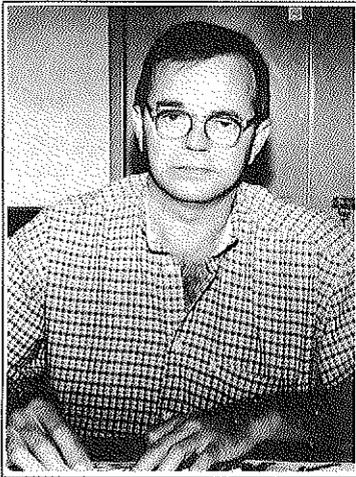
Eleuse Machado de Brito
Guimarães, pediatra, diretora da
Faculdade de Medicina da UFG

“O Transas do Corpo é um grupo pioneiro na luta por direitos iguais, pela construção de uma sociedade mais justa e fraterna, especialmente nas relações entre os sexos.”

Joseleno Vieira dos Santos,
psicólogo, professor da UFG



"Discussão sobre sexualidade aumentou com a Aids"



Maurício: "A Universidade precisa se integrar mais com a comunidade"

Esta foi a primeira vez que o departamento de Saúde Coletiva fez parceria com uma organização não-governamental?

O departamento de Saúde Coletiva mantém, há muito tempo, uma relação próxima com as secretarias estadual e municipal de Saúde. Com elas já foram organizados diversos cursos, seja de extensão como de especialização. Essa experiência com o Grupo Transas do Corpo é nova para o departamento e de muito proveito para a Universidade.

Quais os fatores que motivaram a parceria?

O assunto é de grande interesse, tanto dos estudantes como da comunidade em geral. Outro fator importante: o grupo (Transas do Corpo) tem idéias novas e propostas de educação espetaculares. Isso acabou influenciando, sobremaneira, a decisão do departamento em fechar acordo com a organização.

Os efeitos do curso de extensão "Educação Sexual Não Sexista..." repercutiram de forma positiva na Universidade?

Essa avaliação ainda será feita. Mas tenho a certeza de que a informação que foi repassada aos participantes do curso será estendida para outros cantos. Formou-se um grupo multiplicador. Pessoalmente, acho que isso vai repercutir dentro da universidade de maneira positiva. O assunto é importante e fascina. As questões relacionadas com a sexualidade, com o processo educacional despertam interesse. É a universidade deve, progressivamente, abrir mais espaço para este tipo de trabalho.

Participaram do curso de extensão não só estudantes, mas pessoas que estão fora do meio universitário. É sinal de que a

O I Curso de Extensão em "Educação Sexual Não Sexista - Teorias e Práticas Educativas", promovido em 1996 pelo Grupo Transas do Corpo, contou com um apoio importante: do então diretor do departamento de Saúde Coletiva do Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública (IPTSP-Universidade Federal de Goiás), Renato Maurício de Oliveira.

O médico, com especialização em medicina preventiva e social, foi personagem importante nas negociações do grupo com o IPTSP e grande incentivador da realização do curso no departamento onde há cinco anos trabalha. O curso objetivou a formação de profissionais das áreas de Educação e Saúde, e a implementação e fomentação de projetos e pesquisas em educação sexual.

Em março, o Transas realiza o II Curso de Extensão "Educação Sexual Não Sexista..." na Faculdade de Educação da UFG. Apesar da mudança de endereço, o departamento de Saúde Coletiva continua dando sua contribuição no projeto de educação sexual.

comunidade em geral também se interessa pelo tema e necessita de maiores informações. Você concorda?

Sem dúvida. A universidade deveria viabilizar mais parcerias e utilizar mais os seus recursos para integrar a comunidade ao meio acadêmico. Sabe-se que a instituição se baseia no seguinte tripé: ensino, pesquisa e extensão. Os dois primeiros vão bem, mas o último deixa a desejar. As universidades têm que ampliar as atividades de extensão. As informações não devem ser restritas ao meio acadêmico. Elas têm que ser repassadas para a comunidade. O departamento de Saúde Coletiva, por exemplo, abre as portas para os cursos de extensão e deve, nos próximos anos, ampliar esse setor.

Qual a importância dos cursos que abordam a sexualidade?

Antes da Aids se alastrar pelo mundo, falava-se muito pouco sobre a sexualidade. A doença veio chamar a atenção para um assunto que, há muito tempo, foi colocado em segundo plano. A partir de 1985 - quando os primeiros casos de Aids foram notificados - os investimentos na área da sexualidade aumentaram. Hoje se fala mais sobre o tema. Apesar de ser ainda um tabu para muita gente. Nesse momentos difíceis - de epidemia da doença -, o ser humano pede mais informações e conhecimentos sobre a sexualidade. Daí a importância da educação sexual e de cursos afins.

O que você acha do trabalho do Grupo?

É um grupo de qualidade. Além deste curso específico (Educação Sexual Não Sexista...), conheço outros trabalhos já desenvolvidos pelo Transas, inclusive um vídeo (*Sexo, Giz e Apagador*). Por tudo isso, coloco o Grupo Transas do Corpo na vanguarda das ações voltadas para a saúde e sexualidade em Goiás.

Por que fazemos gênero?

Este é o primeiro número de *Fazendo Gênero*. O boletim originou-se da necessidade de difundir o trabalho do Grupo Transas do Corpo e de estimular o debate acerca das questões de gênero no âmbito da educação sexual, dos direitos reprodutivos e da saúde da mulher.

Fazendo Gênero tem muito o que escrever e contar sobre o grupo. Afinal, são dez anos de história. O Transas do Corpo - Ações Educativas em Saúde e Sexualidade - foi fundado em Goiânia em março de 1987. É uma organização não-governamental, sem fins lucrativos, que objetiva, entre outros fatores, contribuir na formulação de políticas públicas não sexistas.

Neste primeiro número destacamos as principais atividades desempenhadas pelo grupo nesses últimos anos. E mais, uma entrevista com o médico Renato Maurício de Oliveira. Ele fala sobre a carência de cursos de extensão promovidos pela Universidade e a importância deles para a comunidade.

O informativo apresenta ainda o Centro de Estudo e Informação (CEI) do Grupo Transas do Corpo. O CEI funciona há mais de três anos e conta hoje com um acervo de mais de 1.800 documentos - especializados nas áreas de saúde, sexualidade, direitos reprodutivos e sexuais.

O nome do boletim foi inspirado na filosofia de trabalho do Grupo - centrada nas relações de gênero. Outra fonte de inspiração: o texto da antropóloga Maria Luíza Heilborn: "*Fazendo Gênero? A antropologia da mulher no Brasil*"

FAZENDO GÊNERO

Órgão Informativo do Grupo Transas do Corpo

Equipe Técnica:
 Eliane Gonçalves - Educadora e sanitária
 Gelva M. M. Costa - Assistente social
 Joana Plaza Pinto - Linguísta
 Kemle S. Costa - Nutricionista e sanitária
 Lenise S. Borges - Psicóloga e sanitária
 Rurany E. Silva - Assistente social e sanitária

Jornalista responsável: Maria Glória (831/04/120v)

Editoração: Desktop (223-0566)

Rua 137 esq. Av. 85, nº 556, Ed. da Moda, sls. 301-303,
 St. Marista - Fone: 241-9257 Fone/Fax: 241-9617
 Goiânia-Goiás - CEP 74.170-120
 e-mails: gicacs2ax.apc.org / transas@nutecnet.com.br

Direitos reprodutivos



O Grupo Transas do Corpo coordena há um ano e meio, em Goiânia, uma pesquisa da Universidade Estadual de Campinas (SP) sobre o uso contínuo e sem espermicida do diafragma. O objetivo é avaliar a eficácia e aceitação do método usado de forma diferenciada da convencional, em que a mulher só coloca o diafragma (com espermicida) meia hora antes do coito e só retira oito horas depois.

No uso contínuo a mulher usa o diafragma 24 horas, retirando-o uma vez por dia para higienização. Se houver relação sexual ela só pode fazer a limpeza oito horas depois do coito.

A pesquisa de avaliação do uso diferenciado do diafragma é desenvolvida no Cais da Vila Nova e Hospital das Clínicas (Goiânia) e no Hospital São Pio X (Ceres). No Cais, participam 36 mulheres, sob a orientação da enfermeira Izabel de Jesus. Dessas, a maioria prefere o uso contínuo do diafragma por ser mais prático.

A coordenadora da pesquisa em Goiânia, Kemle Semerene Costa (do Transas do Corpo), diz que os dois métodos são eficazes - 90% de segurança. "Uma pesquisa como esta, realizado em Belo Horizonte, constatou que a eficácia é um pouco maior no uso contínuo do diafragma", ressalta.

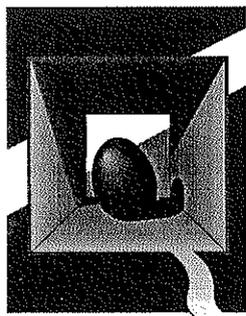
Apesar de ainda não concluída, Kemle acredita que a pesquisa tem alcançado seu objetivo: "O método (convencional ou não) garante eficácia e satisfação às mulheres".

Sexualidade em cena

O Departamento de Saúde Coletiva da Universidade Federal de Goiás e o Transas do Corpo desenvolveram, no ano passado, durante oito meses, o I Curso de Extensão em "Educação Sexual Não Sexista - Teorias e Práticas Educativas", com apoio da Fundação MacArthur. O objetivo era contribuir para a formação de profissionais das áreas de ciências biológicas e humanas, e implementar e incentivar projetos afins. Mais de vinte pessoas concluíram o programa.

O II Curso de Extensão em "Educação Sexual Não Sexista..." começa em março e as inscrições podem ser feitas na Faculdade de Educação, entre os dias 24 de fevereiro a 18 de março. Informações pelos telefones: 241-9257 (Transas) e 261-6238 (Faculdade de Educação).

Pesquisa sobre o aborto



O Transas do Corpo começa a desenvolver este ano duas pesquisas relacionados ao aborto. A primeira pretende fazer um levantamento da imprensa escrita e da produção científica de Goiânia sobre o aborto durante o período de 1992 a 1996. O estudo tem o apoio da *International Women's Health Coalition - IWHC/USA*. São objetivos deste trabalho contribuir com o processo de redução da mortalidade materna, ampliar a discussão do aborto dentro de uma visão de gênero e ainda subsidiar os trabalhos da imprensa e dos profissionais de saúde.

De acordo com Gelva

Costa, coordenadora da pesquisa, em Goiânia existe uma carência muito grande de dados e informações sobre o aborto e não há, até agora, nenhum levantamento acerca do assunto. "Esperamos contribuir com a elaboração, ampliação e implementação de uma política pública de saúde que veja a mulher como ser integral".

A segunda pesquisa sobre o aborto, da Rede Nacional Feminista de Saúde e Direitos Reprodutivos, será desenvolvida em nível nacional. Em Goiânia ela será coordenada pelo Grupo Transas do Corpo.

Para desenvolver o trabalho serão levantados dois indicadores: a existência ou não de serviços que atendam aos casos de abortos previstos por lei; e as condições de assistência de mulheres com aborto incompleto na rede pública e privada.

Segundo Lenise Borges, técnica do Transas, a pesquisa da Rede integrará ainda um estudo sobre a participação das mulheres nas instâncias de decisão das políticas públicas de saúde.

Aborto: direito previsto em lei

A realização do aborto nos casos de estupro e de risco de vida para a gestante é assegurado no artigo 128 do Código Penal brasileiro desde 1940. Mesmo amparadas por uma lei com mais de 50 anos de existência, este tipo de atendimento não tem sido garantido pelas instituições de saúde no Brasil. São raros os hospitais ou clínicas que resguardam este direito às mulheres, pois ainda temem problemas com a Justiça e alegam questões éticas e morais.

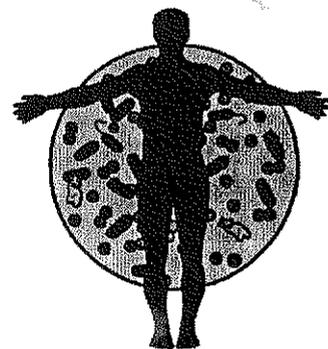
Mas a situação hoje é outra. Têm diversas organizações governamentais e não-governamentais lutando pela regulamentação do aborto previsto no Código Penal. O Transas do Corpo também está nessa.

Em Goiânia, a implantação do aborto legal ganhou força com a criação, em

março de 1995, de um grupo que reúne as seguintes entidades e organizações: secretarias estadual e municipal de Saúde, Assessoria Especial da Mulher, Centro Popular da Mulher e Grupo Transas do Corpo (sob a coordenação da assistente social Gelva Costa).

O resultado do trabalho deste grupo começa a surgir de fato. Em outubro de 1995 a lei (cuja autoria é da vereadora Olívia Vieira) que regulamenta este serviço foi sancionada pelo então prefeito Darci Accorsi. E mais, em março deste ano o Hospital Materno Infantil será a unidade referência da rede pública para a assistência aos casos de aborto previstos por lei - é a sétima instituição no país a implantar esse serviço. Mais um direito resguardado às mulheres.

Aids e Drogas



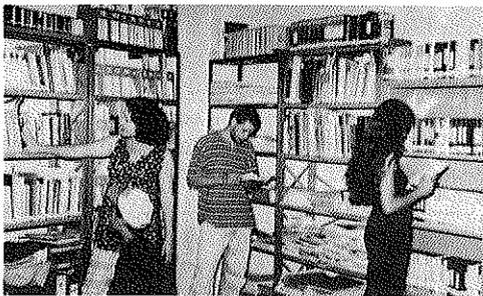
Dois temas polêmicos que precisam ser discutidos e desmitificados. Pensando nisto o Transas do Corpo convida pais e adolescentes de todas as idades para uma conversa diferente, legal, descontraída e bastante informativa sobre Aids e drogas. Trata-se do *Projeto Parcerias* - coordenado pelo Transas do Corpo e apoiado pelo Ministério da Saúde.

O projeto pretende discutir os seguintes temas: métodos de prevenção, cuidados com o corpo, as formas de convivência com os doentes de Aids e usuários de drogas, e os seus direitos. Para tanto, está prevista a realização, este ano, de nove mini-cursos e dez oficinas sobre sexo seguro.

Parcerias entra em ação em março e as inscrições podem ser feitas durante o decorrer do projeto. Informações: (062) 241-5297.

Transas investe na informação

O acervo bibliográfico e audiovisual do Grupo é um convite à informação e à pesquisa



Centro de Estudo: 1.800 documentos sobre saúde e sexualidade

O Grupo Transas do Corpo conta, desde 1993, com um Centro de Estudo e Informação (CEI), cujo acervo reúne, até o momento, mais de 1.800 documentos. O CEI dispõe de uma biblioteca, videoteca e hemeroteca especializadas nas áreas de saúde, sexualidade, direitos reprodutivos e sexuais. Dirige-se, preferencialmente, a estudantes e profissionais que lidam com este campo temático.

O Centro tem estado em constante processo de atualização de acervo e ampliação de estrutura. Para tanto conta com os recursos financeiros da Fundação MacArthur.

Além da assimilação de novas técnicas de catalogação, o CEI foi informatizado, operando hoje no sistema Micro Isis. "O usuário pode assim ter acesso às referências bibliográficas por meio do computador. É uma forma de facilitar o trabalho de pesquisa ou consulta", diz uma das coordenadoras do grupo, Lenise Santana Borges.

O acervo bibliográfico e audiovisual estão distribuídos nas seguintes áreas: saúde, psicologia, sociologia, movimento feminista, política, direitos humanos e reprodutivos, educação sexual e metodologias de trabalho de grupo. As fitas da videoteca, todas catalogadas, são didáticas e somam mais de 95 unidades.

Acessível - O acesso ao Centro de Estudo e Informação é bastante simples. Para fins de consulta ou pesquisa, recomenda-se que o usuário marque o horário da visita. Assim, garante-se o auxílio das técnicas do Transas do Corpo no atendimento aos pesquisadores e visitantes. "As técnicas sugerem temas, discutem e analisam com eles/elas o material pesquisado", comenta Lenise.

O Centro trabalha ainda com locação de vídeos e slides. Para usufruir do acervo é preciso apenas se cadastrar, sem burocracia. O interessado deve apresentar o RG e o comprovante de endereço.

O prazo de devolução do material locado é de três dias úteis e paga-se pela fita de vídeo R\$ 3,00 e pelo jogo de slides, R\$ 5,00.

Endereço do CEI

Rua 137, esq. c/ Avenida 85, nº 556, Ed. Moda, salas 301-303, Setor Marista.

Fone (062) 241-9257

Fone/Fax: 241-9617

E-mails: gteaess@ax.apc.org

transas@nuteconet.com.br

Atendimento

Segunda a sexta-feira, das 8:30 às 12:00 e das 14:00 às 18:00

Um papo legal

O Transas do Corpo convida adolescentes de todas as tribos, credos e cores para um papo legal sobre educação sexual. Esse papo é proposto pelo projeto *Fala Teen*, programado para começar em março. O objetivo é criar um espaço de discussão, reflexão, vivência, troca de experiência e informações sobre a sexualidade.

Fala Teen prevê a realização de encontros semanais com um grupo de 25 adolescentes. Os temas abordados são primeira transa, namoro, virgindade, homossexualidade, gravidez na

adolescência, amor, doenças sexualmente transmissíveis/Aids, dentre outras. "Os encontros serão educativos, descontraídos e interativos. Quem vai dar o tom do projeto são os adolescentes", diz a coordenadora do trabalho, Gelva Costa.

O projeto oferecerá conhecimentos sobre sexualidade, acesso aos livros, vídeos e revistas específicos ao tema, orientação com especialistas, intercâmbio com outros jovens. Os/as adolescentes receberão ainda todo estímulo e apoio do Transas para levar adiante o recado deixado pelo *Fala Teen*.



Seminário Saúde Reprodutiva e Aids

Tema: Saúde reprodutiva, gênero e sexualidade

Data: 13 a 15 de março

Local: Hotel Flórida, Rio de Janeiro/RJ

Promoção: Abia - Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids

VIII Encontro Internacional "Mulher e Saúde"

Data: 16 a 20 de março

Local: Rio de Janeiro/RJ

Promoção: Rede Nacional Feminista de Saúde e Direitos Reprodutivos

VII Congresso Latinoamericano de Medicina Social

Data: 17 a 21 de março

Local: Centro Cultural San Martin, Buenos Aires - Argentina

Promoção: Associação Latino Americana de Medicina Social (Alames)

IV Seminário Temático "Pensando os direitos reprodutivos e o aborto"

Data: 16 a 18 de maio

Local: Casa de Encontros e Retiro Irmãs Cabrini, São Paulo/SP

Inscrições: 10 de abril

Promoção: Católicas pelo Direito de Decidir

VI International Conference on Maternal and Neonatal Health

Data: 01 a 05 de novembro

Local: São Paulo/SP

Promoção: Universidade de Campinas/SP

Informações: (062) 241-9257 / 241-9617